

N.º 14. — \diamond CVVT \diamond CVVT \diamond CVVT \diamond CVVT na orla exterior, e na interior CVVTVS : PERACVVT — Cinco escudetes com arruelas, cantonados pela letra S e por quatro aneis.

B. \diamond COYTOS \diamond COYTOS \diamond COYTOS \diamond COYTOS — Esphera armillar com o globo no centro. Variedade do n.º 52 de Meili nas legendas. Latão muito bem conservado. — Peso 13 grammas. Diametro de 0^m,030.

Villa Real de Trás-os-Montes, 31 de Março de 1904.

HENRIQUE BOTELHO.

Explorações archeologicas no Algarve em Março de 1904

Tendo sido encarregado pelo Director do Museu Ethnologico de proceder a algumas explorações archeologicas no Algarve, vou dar noticia d'ellas neste artigo. O meu trabalho porém consiste quasi sòmente na transcripção das notas tomadas durante as excavações que fiz, e na indicação dos processos de trabalho applicados.

Primeiro procedi á exploração de dois monumentos prehistoricos situados na herdade da Torre, propriedade do Sr. Luis Furtado, a cinco kilometros de Portimão, confinante ao NE. com a estrada que liga esta villa com a cidade de Lagos. Depois procedi a outras explorações nos arredores de Portimão, e na Alcaria, ao pé de Aljezur.

I. Necropole prehistorica da Torre

Esta necropole constava, pelo menos, de dois monumentos, que foram descobertos pelos trabalhadores na herdade da Torre quando andavam a abrir covas para figueiras, junto a um «monte» (casa de campo) em construcção, futura habitação do proprietario, e situado numa elevação do terreno que se segue immediatamente á extensa varzea que de um e de outro lado confina com a estrada.

Elles são analogos aos de Alcalar, explorados por Estacio da Veiga. A estação archeologica de Alcalar fica perto da da Torre.

1.º Monumento. No dia da minha chegada ao local, já um d'estes monumentos, o que denominarei *monumento n.º 1* (fig. 1.^a), se encontrava inteiramente profanado, tendo ainda o director do Museu, que me precedera na visita, conseguido encontrar entre o montão de pedras

que faziam parte da abobada do monumento um fragmento de placa de lousa, uma mó, quebrada pelos trabalhadores, e um seixo rolado, também quebrado, que talvez fosse instrumento de moer, a julgar dos

vestígios evidentes que apresenta de ter sido trabalhado, da apropriação da sua fôrma, e da contiguidade do achado.

Este monumento consistia de duas partes: uma, que chamarei *crypta*, e outra, estreita, que chamarei *galeria*.

a) Começando por limpar o interior da *crypta* ($c-c'$), sobretudo o pavimento que se encontrava ainda um pouco atulhado, posto que já remexido, encontrei sucessivamente ossos humanos misturados com outros de animais e conchas; mas não pude observar se a collocação e

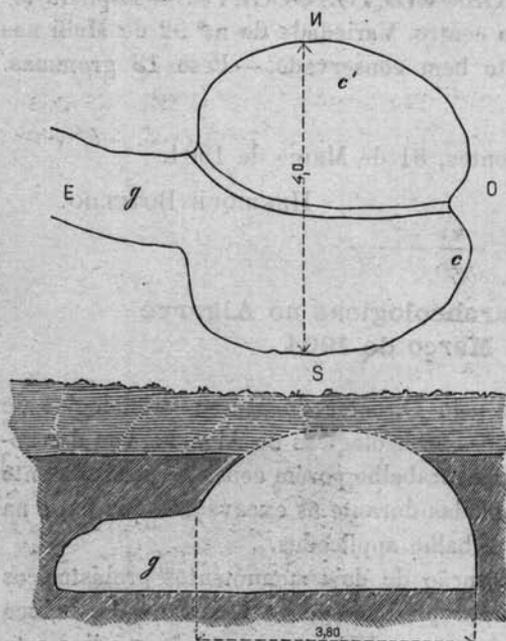


Fig. 1.ª

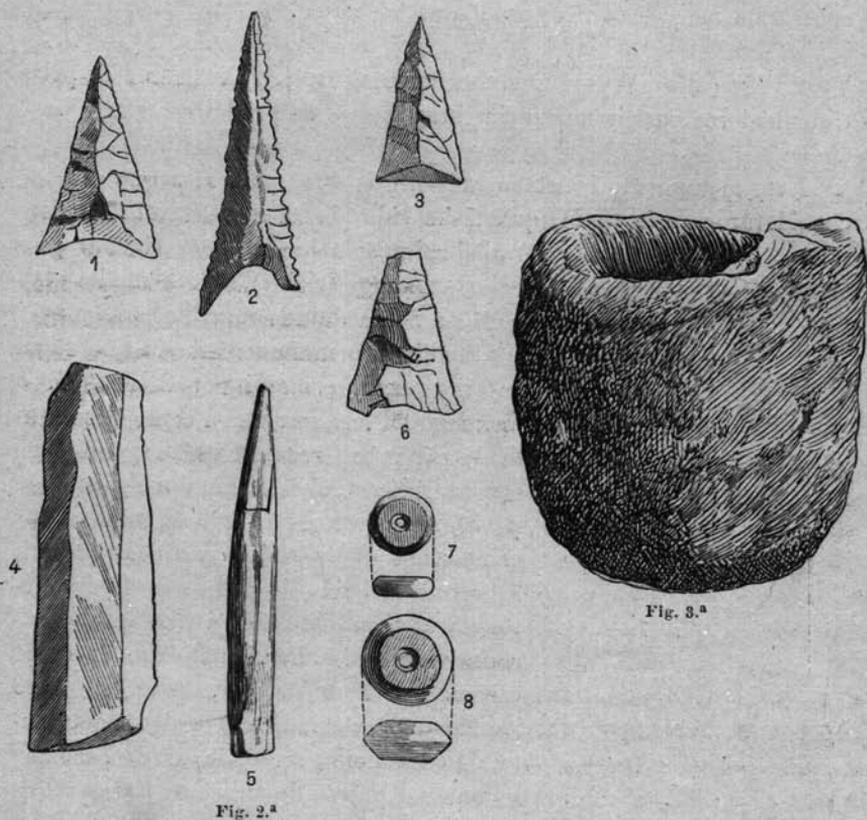
disposição dos ossos e do espolio archeologico apparecido anteriormente tinham obedecido a regras previas, — e isto pelos motivos que acabo de indicar.

Posta a descoberto a *crypta*, verifiquei que tinha sido escavada no terreno cuja denominação corrente e popular no Algarve é «pedra concha», e mais vulgarmente «caliço»: era de fôrma arredondada, irregular, dividida longitudinalmente em dois segmentos (c e c') por meio de um septo arredondado de $0^m,15$ de altura, com o comprimento de 4 metros e $3^m,80$ de largura media.

As paredes, logo ao nivel do pavimento, começavam a tomar fôrma abobadada, que terminava a $1^m,30$ no terreno, após o qual se seguia, com $0^m,50$ de espessura média, o terreno aravel; a abobada aberta neste terreno tinha sido feita com pedras irregulares de calcareo semi-brando. Como é obvio, não foi possível colher pormenores acêrca da sua construcção. A altura interna da *crypta* póde calcular-se entre $1^m,45$ a $1^m,50$, pois, segundo informações dos trabalhadores, estes deram com ella a dois golpes de enxada.

Nas paredes da crypta havia algumas pequenas concavidades irregulares, em fôrma de armarios, o que faz lembrar as que se observam nos monumentos de Alcalar, posto que as d'estes sejam maiores e regulares. Nêssas concavidades encontraram-se varios ossos que supponho serem de animaes, e que estão depositados no Museu para estudo.

Afim de evitar que nada se perdesse do espolio archeologico que por ventura estivesse enterrado na crypta, mandei crivar a terra, e encontrei o seguinte, que o Sr. Luis Furtado generosamente me permittiu trazer para o Museu :

Fig. 2.^aFig. 3.^a

4 setas de pederneira (fig. 2.^a, n.^{os} 1, 2, 3 e 6);

1 faca partida de pederneira (fig. 2.^a, n.^o 4);

1 furador de osso (fig. 2.^a, n.^o 5);

2 contas de schisto (fig. 2.^a, n.^{os} 7 e 8);

1 vasinho grosseiro (fig. 3.^a) de barro com sinacs de tinta vermelha (que talvez servisse para tatuagem, ou acaso de cadinho, postoque não apparecessem metaes nesta estação), encontrado na cavidade c.

Todos estes objectos vão aqui desenhados em escala natural.

b) A parte que suponho ser a galeria (*g*), de 0^m,80 de largo e 0^m,15 de altura, estava orientada ao nascente; no lado opposto á galeria o monumento apresentava duas concavidades pouco amplas e pouco profundas; o pavimento da crypta, a partir da galeria, estava levemente inclinado para o interior. A galeria, que foi explorada na extensão pouco mais ou menos de 1^m,30, apresentava sempre a mesma altura média de 0^m,15; necessitava para um estudo mais circunstanciado que se desmontasse o terreno subjacente de 1^m,80 de espessura. Nella não se encontraram nem ossos nem espolio archeologico.

2.º Monumento. O segundo monumento (fig. 4.^a) foi encontrado pelos trabalhadores em circumstancias identicas ás do primeiro e quasi junto d'elle.

Este monumento constava tambem de duas partes: a que se póde considerar galeria (*a-b*), que tinha sido aberta e desentulhada pelos trabalhadores; a que se póde chamar propriamente *crypta* (*b-c*), que á minha chegada se achava ainda intacta.

Seguindo o mesmo methodo que segui anteriormente, comecei por desobstruir o monumento, que se achava como que entulhado por pedra grossa e meuda, onde logo encontrei ossos em estado muito quebradiço.

a) A *crypta* (*b-c*) foi desentulhada por camadas, o que permittiu verificar que era sobretudo debaixo de pedras de fórmulas irregulares e de dimensões varias que se encontravam mais abundantemente os ossos e como que reunidos, parecendo este facto indicar intencionalidade. Os ossos, que juntei e guardei em pacotes separados, são uns humanos e outros de animaes. Em geral os ossos grandes encontravam-se quebrados, reconhecendo-se pelos depositos terrosos que a sua fractura não era recente. No canto (*c*) da gruta eram abundantes as cascas de caracoes e de ostras, etc., misturadas com

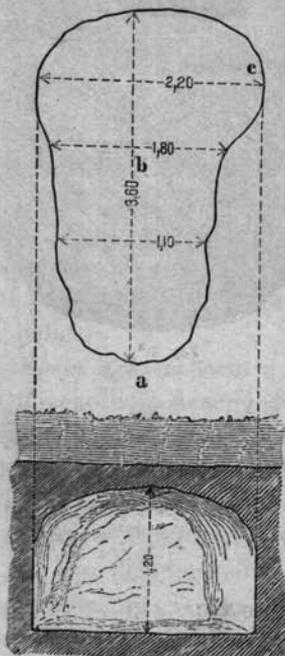


Fig. 4.^a

pedrinha meuda. Depois de limpó por completo o monumento, viu-se que a *crypta*, de fórmula arredondada, tinha sido completamente aberta no calíço, sendo as suas dimensões as indicadas na figura respectiva.

b) O que se póde chamar com mais propriedade *galeria*, isto é, o prolongamento (*a-b*) da *crypta*, não tinha saída: era uma especie de valla escavada no mesmo terreno e ao mesmo nivel da *crypta*. Os trabalhadores que interroguei a este respeito affirmaram-me que a tinham desobstruido facilmente, sem terem encontrado ossos nem qualquer objecto que fizesse parte do espolio archeologico; mandei crivar a terra extra-hida do interior da *crypta*, mas esta não rendeu tambem absolutamente nada.

*

Transcrevendo estas notas naturalmente incompletas, deixo a outros o trabalho de tirarem as illações que lhes parecerem.

II. Lapide romana

Durante a minha estada em Portimão, foi-me grato conseguir obter para o Museu mais um documento archeologico.



Fig. 5.^a

Na freguesia de Mexilhoeira Grande, sitio de «Monte Velho», propriedade do Sr. Luis Vieira, a 15 kilometros de Portimão, encontraram os trabalhadores que andavam abrindo covas para figueiras, uma tampa funeraria (fig. 5.^a) feita de calcareo rijo em fórma de baú com dois

circulos concentricos em uma das faces, e uma inscripção latina no bojo ¹.

De ter apparecido a pedra com a inscripção para o alto, e ella não servir actualmente de tampa de sepultura, tendo pelo contrario vestigios de haver sido aproveitada para usos muito diversos do primitivo, póde concluir-se que a dita tampa já tinha sido utilizada, e que não pertencia ao local onde se encontrou, mas que talvez viesse de perto, pois o material de que é feita abunda por estes logares.

Este monumento foi espontaneamente offerecido ao Museu Ethnologico pelo Sr. Luis Vieira, que nisto deu rasgada prova de patriotismo.

III. Cemiterio archaico da Alcaria

Concluidos os meus trabalhos em Portimão, parti a 13 de Março para Aljezur em cujos arredores explorei, por indicação prévia do Director do Museu, um antigo cemiterio, na Alcaria, a tres kilometros de Aljezur, ao poente da estrada que liga esta villa com a cidade de Lagos. Este cemiterio está situado num pequeno cabeço de suave declive, num campo em parte cercado de muro.

As sepulturas, abertas no caliço, a pequena profundidade do terreno aravel, eram de inhumação, e do tamanho do cadaver. Apresentavam duas variedades: umas eram lageadas (lages toscas de schisto com espessura varia) nos lados, no topo e na cabeceira, e com tampas de fórma rectangular; outras não eram lageadas, embora tivessem tampas de schisto, e tinham a fórma do corpo, mais estreitas para os pés e arredondadas ás cabeceiras.

Este cemiterio tinha sido já na maior parte destruido pelo dono da propriedade, ao proceder a trabalhos agrarios. Numa das sepulturas que ainda restavam observei que á cabeceira havia um vasinho de barro; o mesmo me disse ter observado o referido dono do terreno com relação ás que elle descobriu e estragou.

Acêrca das que pude encontrar ainda intactas, pelo menos na fórma, transcrevo as notas tomadas durante os trabalhos.

1.^a Sepultura (fig. 6.^a).—Profanada, sem tampa, ossos misturados de dois individuos pelo menos; á cabeceira uma asa de vaso que devia ser grande.

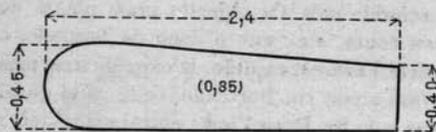
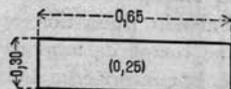
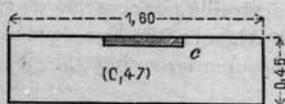
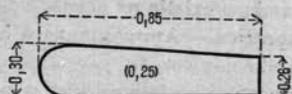
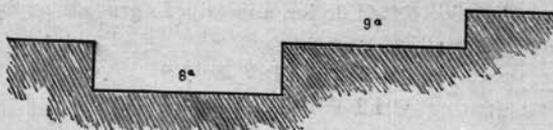
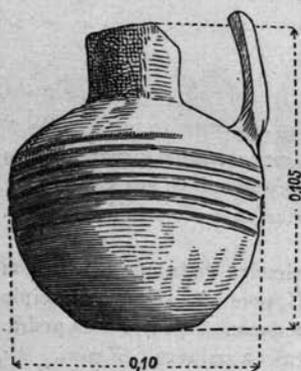
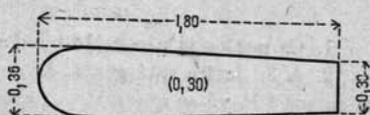
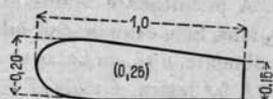
2.^a Sepultura (fig. 7.^a).—Profanada, só ossos em confusão, sem tampa.

3.^a Sepultura (fig. 8.^a).—Profanada, ossos em pequena quantidade e dispersos; a meio uma caveira. Tinha ainda uma lage (c). Sem tampa.

¹ Esta inscripção vae publicada adiante.

4.^a Sepultura (fig. 9.^a)—Profanada, seguia-se imediatamente á 3.^a num plano superior, como se vê na fig. 10.^a; á cabeceira (c) uma pequena infusa (fig. 11.^a).

5.^a Sepultura (fig. 12.^a).—Profanada, em parte para os pés coberta com lages de 0^m,05 de espessura, poucos ossos e misturados; á cabeceira dispersos os ossos da caveira.

Fig. 6.^aFig. 7.^aFig. 8.^aFig. 9.^aFig. 10.^aFig. 11.^aFig. 12.^aFig. 13.^a

6.^a Sepultura (fig. 13.^a).—Profanada, muito poucos ossos; para os pés a caveira.

Muitas mais sepulturas descobri, todas no mesmo estado, o que torna ociosa a sua descrição pormenorizada.

Lisboa, 10 de Abril de 1904.

BERNARDO DE SÁ.